

Resumo: O trabalho tem como objetivo analisar o contexto histórico em que emerge a pandemia do Covid-19 e discutir em medida o surgimento desse fenômeno expressa as contradições desse tempo histórico. Parte-se do entendimento de que a pandemia atual é tudo menos um fenômeno “natural”, na medida em que suas origens, formas de manifestação e disseminação estão inscritas em um contexto histórico e social específico. Além disso, o trabalho procura debater como a pandemia pode contribuir para acentuar as contradições do capitalismo contemporâneo e exacerbar as tensões interestatais. A crise sanitária que se instaurou em 2020 tem gerado impactos substanciais tanto em termos de saúde pública, como em termos econômicos, sociais e políticos. Embora ainda seja cedo para analisar a profundidade da crise, a situação pregressa de baixo crescimento, profunda desigualdade e também de disputas interestatais (como entre Estados Unidos e China) sinalizam para a possibilidade de a pandemia agravar ainda mais as contradições econômicas e políticas.

Palavras-Chave: Pandemia; capitalismo; crise

Abstract: The objective of this paper is to analyze the historical context in which the Covid-19 pandemic emerges and to discuss in a measure the appearance of this phenomenon expresses the contradictions of this historical time. It is based on the understanding that the current pandemic is anything but a “natural” phenomenon, insofar as its origins, forms of manifestation and dissemination are inscribed in a specific historical and social context. In addition, the paper seeks to discuss how the pandemic can contribute to accentuating the contradictions of contemporary capitalism and exacerbating interstate tensions. The health crisis that began in 2020 has generated substantial impacts both in terms of public health, as well as in economic, social and political terms. Although it is too early to analyze the depth of the crisis, the previous situation of low growth, deep inequality and also of interstate disputes (as between the United States and China) signal the possibility that the pandemic will further aggravate economic and political contradictions.

Key-Words: Pandemic; capitalism; crisis

1 – Introdução

Como aponta Choonara (2020) é tentador ver as pandemias como incursões cataclísmicas imprevisíveis, cuja origem estaria relacionada estritamente às questões da natureza e sua influência na sociedade humana. No entanto, epidemias e pandemias acontecem em um contexto social, político

¹ Professora dos Programas de Pós-Graduação em Economia Política Mundial (UFABC) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (UFABC). E-mail: valeria.ribeiro@ufabc.edu.br

e econômico, que por sua vez se entrelaça com processos como a mutação do vírus, sua passagem de um hospedeiro a outro e seu impacto nos organismos vivos.

Nesse sentido, tal como outras epidemias observadas ao longo da história da humanidade, o surto recente da Doença do Coronavírus (Covid-19) é tudo menos um fenômeno “natural”, na medida em que suas origens, formas de manifestação e disseminação estão inscritas em um contexto histórico e social específico.

A pandemia do Covid-19 vem causando impactos gravíssimos em termos de saúde pública em diversos países do mundo. Entre Janeiro de 2020 e Março de 2021 foram registrados mais de 118 milhões de casos de contaminação e confirmadas mais de 2,6 milhões de mortes pela doença em todo o mundo. (World Meter, 2021). Embora a origem do vírus tenha sido registrada na China, atualmente países como Estados Unidos, Índia e Brasil estão na liderança do número de casos e mortes. Mesmo com a descoberta das vacinas nos primeiros meses de 2021, os casos de contaminação e mortes ainda crescem em diversas partes do mundo, com o registro de novas cepas do vírus espalhando-se por diversas localidades.

A crise causada pela pandemia do Covid-19 não é mais apenas sanitária, aliou-se a uma crise econômica e social. Segundo o FMI, o crescimento econômico mundial em 2020 contraiu-se em -3,5%, resultados piores que aqueles registrados no pós-crise de 2008. Nas economias avançadas registrou-se crescimento negativo de -4,5%, e nas economias em desenvolvimento -2,5%².

A crise de 2020 refletiu-se em uma queda nas taxas de crescimento econômico, resultante dos choques de oferta e demanda causados pela interrupção das atividades produtivas em diversos segmentos e pela diminuição do consumo, além de uma maior instabilidade nos mercados financeiros globais. A situação econômica se refletiu em taxas maiores de desemprego, com todas as consequências sociais.

A evolução e dinâmica da pandemia atual, seja em termos dos impactos na saúde pública, seja na economia e na sociedade, são reflexos não apenas da disseminação da doença em si, mas também do entrelaçamento da pandemia com um contexto histórico específico do capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, como aponta Mascaro (2020) a pandemia é também uma crise social e histórica, que reitera a fragilidade da relação humana com a natureza. Ela exacerba as contradições de um modo de produção específico, em um tempo histórico específico, marcado por crise ambiental, pelo desemprego, pelas habitações precárias e sistemas de saúde frágeis. O “grau da crise demonstrará o grau das necessidades e das urgências”. (Mascaro, 2020).

² Em Janeiro de 2021 o FMI apontou projeções melhores para o ano, dadas as recentes aprovações de vacinas que geraram esperanças. Ainda assim, novas ondas e novas variantes do vírus tem trazido preocupações para o panorama. Em meio a incertezas excepcionais, o FMI projeta que a economia global deve crescer 5,5 por cento em 2021 e 4,2 por cento em 2022. (IMF, World Economic Outlook, 2021).

Em termos econômicos a pandemia tende a aprofundar uma situação da economia mundial que já era muito controversa. Mesmo após dez anos desde a crise de 2008-09 a economia mundial não havia conseguido recuperar-se completamente, apresentando níveis de crescimento baixos e indicadores ruins em termos de geração de emprego e renda. Esta situação de baixo crescimento reflete, ao mesmo tempo, decisões políticas e contradições estruturais deste tempo histórico e do modo de produção capitalista.

Alia-se a este quadro de crise econômica um contexto marcado pelo acirramento da crise ambiental e também das tensões interestatais neste início de século XXI, em que as disputas entre as nações já ganhavam dimensões cada vez mais claras e evidentes, apontando para cenários de exacerbação dos nacionalismos.

Nesse sentido, a partir do entendimento de que a pandemia do Covid-19 não pode ser entendida como um fenômeno de ordem natural, e que ao contrário, se entrelaça a um contexto histórico específico, esse artigo tem como objetivo compreender este contexto histórico e analisar em que medida a pandemia atual pode acentuar as contradições, além de exacerbar tensões interestatais que já vinham se desenhando ainda antes do momento do surto pandêmico. O trabalho está dividido da seguinte forma, além desta Introdução: na sessão 2 analisam-se as dimensões estruturais da crise que vivenciamos; na sessão 3 apresentamos alguns apontamentos gerais sobre a profundidade do aspecto ambiental da crise; na sessão 4 analisamos as dimensões dos conflitos interestatais; e na sessão 5 as conclusões.

2 – Crise econômica

É comum quando se fala em crise do capitalismo, a interpretação de que se trata de uma situação final do modo de produção. Como se a crise representasse o momento de ruptura ou superação do capitalismo, que teria atingido seus limites.

No entanto, como sugere Grespan (2012), para que se possa “resgatar em toda a sua riqueza o significado que o conceito de crise tem na obra de Marx, é necessário ultrapassar o aspecto de simples negatividade em geral e defini-lo enquanto negatividade imanente ao capital, enquanto manifestação de uma contradição constitutiva do capital.” (Grespan, 2012, pg. 7). Ou seja, a ideia de crise relaciona-se com a forma como o capital se constitui, mediante o desenvolvimento da lei do valor e a negatividade que lhe é imanente.

A crise reflete, nesse sentido, as próprias contradições da lei do valor, que se manifestam de formas distintas, a depender das determinações históricas, e não se traduz em um movimento final do modo de produção, se não que a acentuação de suas contradições. Como sugere Marx “a produção

capitalista busca continuamente superar suas barreiras iminentes, mas supera-as apenas por meios que estabelecem as barreiras novamente e em uma escala mais poderosa” (Marx, 1981, p. 358).

Embora Marx não tenha sistematizado uma teoria da crise, em *O Capital* apresentou a dinâmica real do funcionamento da economia capitalista, suas lógicas de produção e apropriação do valor, que permitem demonstrar fatores de causalidade e explicativos da ocorrência de ciclos em sua raiz, em sua eclosão e surgimento. (Amaral e Carcanholo, 2009).

Como sugere Carcanholo (1996), é comum apontar como causa da crise aquilo que é na verdade formas de manifestação (queda da taxa de lucro, subconsumo, etc), enquanto o fenômeno crise em si, seu conteúdo, está ligado as contradições que tornam possível a ocorrência do fenômeno. Essas contradições estão presentes na própria mercadoria³, e principalmente, naquilo que seria a contradição fundamental, qual seja, o caráter social da produção e a forma de apropriação privada capitalista. Esta contradição entre produção e apropriação faz com que o mesmo movimento que leva ao desenvolvimento da lei do valor, através da expansão da produção material e aumento da massa de lucro, seja também o movimento que conduz ao uso relativo menor na força de trabalho, resultando em quedas salariais e formação de uma massa de mão de obra desprovida de trabalho. Esta contradição acaba por gerar consequências para a realização da produção. Assim a crise é inevitável, na medida em que reflete as contradições do próprio modo de produção. Além de inevitável ela é também necessária, pois restaura de forma violenta o terreno da acumulação, eliminando capitais e abrindo espaço para nova acumulação. (Carcanholo, 1996).

Embora a causa da crise seja reflexo das contradições intrínsecas ao modo de produção capitalista, ela possui formas de manifestação, que são reais e concretas. Nesse sentido, o capitalismo contemporâneo apresenta formas de manifestação da crise, que por sua vez acirram novas contradições.

Alguns autores têm debatido as formas de manifestação da crise atual. Para Streeck (2018), por exemplo, a mais recente crise do capitalismo deve ser entendida como continuidade da crise dos anos 70, quando os capitalistas teriam rompido o processo de expansão produtiva iniciado no pós Segunda-Guerra, na medida em que esse modelo se tornava caro demais. Empresas e empresários se organizaram coletivamente em torno da crítica ao “excesso de emprego e regulação” (Streeck 2018). Essa crise, ou forma de manifestação, ao invés de ter sido resolvida, foi apenas adiada, mediante mecanismos como a inflação; o endividamento do Estado; a expansão dos mercados de crédito privados; e a compra de dívidas de Estados e de bancos pelos bancos centrais”. (Streeck, op. cit, pg.

³ Na própria mercadoria já se observa uma contradição intrínseca. Para ser mercadoria deve-se negar uma de suas características, valor de uso ou valor, dado que para se vender é preciso abdicar do valor de uso, e para se comprar é preciso olhar apenas o valor de uso. Podem surgir produtos para os quais não haja consumidores. Esse seria uma contradição interna à mercadoria que traz um germe de crise. (Carcanholo, 1996).

28). Essas tentativas de adiamento da crise, por sua vez, contribuem para expandir os mecanismos de acumulação financeira, gerando novos elementos de crise.

Para Chesnais a crise recente do capitalismo seria ligada à expansão dos instrumentos de acumulação financeira, e na relação desses com as condições dadas pelo “*finance capital*” (centralização e combinação simultânea e combinada do capital-dinheiro, do capital industrial, e do capital-mercantil ou comercial) que instauram uma crise de sobreacumulação e superprodução. Isto porque as condições geradas pelo “*finance capital*” impõem condições macroeconômicas que moldam as relações de poder entre capital e trabalho em favor do primeiro. (Chesnais, 2016).

A crise, portanto, entendida em seu conteúdo ou suas formas de manifestação, é a marca de um contexto histórico e social que se molda também por uma forma política, o neoliberalismo, que opera no sentido de superar as barreiras impostas à acumulação de capital, permitindo a continuidade do modo de produção capitalista. O neoliberalismo, nesse sentido é a majoração da acumulação de capital, parte de um movimento histórico, que leva também a formas de produção mais flexíveis, conjugada em vários países, e que fragiliza as políticas nacionais. (Mascaro, op. cit.).

É possível compreender o neoliberalismo, segundo Dardot e Laval (2016) como a representação não apenas de uma forma política, ou uma ideologia de política econômica, mas em primeiro lugar como uma racionalidade, que estrutura e organiza não só a ação dos governantes, mas também a conduta dos governados. Esta racionalidade caracteriza-se pela generalização da concorrência como norma de conduta, e da empresa como modelo de subjetivação. O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. Nas palavras dos autores:

“Abordar a questão do neoliberalismo pela via de uma reflexão política sobre o modo de governo modifica necessariamente a compreensão que se tem dele. Em primeiro lugar, permite refutar análises simplistas em termos de ‘retirada do Estado’ diante do mercado, já que a oposição entre o mercado e o Estado aparece como um dos principais obstáculos à caracterização exata do neoliberalismo. Ao contrário de certa percepção imediata, e de certa ideia demasiado simples, de que os mercados conquistaram a partir de fora os Estados e ditam a política que estes devem seguir, foram antes os Estados, e os mais poderosos em primeiro lugar, que introduziram e universalizaram na economia, na sociedade e até neles próprios a lógica da concorrência e o modelo de empresa. Não podemos esquecer jamais que a expansão das finanças de mercado, assim como o financiamento da dívida pública nos mercados de títulos, são frutos de políticas deliberadas. Como se vê até mesmo na atual crise na Europa, os Estados adotam políticas altamente intervencionistas’, que visam a alterar profundamente as relações sociais, mudar o papel das instituições de proteção social e educação, orientar as condutas criando uma concorrência generalizada entre os sujeitos, e isso porque eles próprios estão inseridos num campo de concorrência regional e mundial que os leva a agir dessa forma. Mais uma vez, comprovamos as grandes análises de Marx, Weber ou Polanyi segundo as quais o mercado moderno não atua sozinho: ele foi sempre amparado pelo Estado.” (Dardot e Laval 2016, p. 19)

Vivemos, pois, sob um tempo histórico marcado por uma nova razão do mundo em que o mercado e o Estado atuam de forma conjunta na implementação de modelos de vida, e de um modelo

político específico que impõe uma série de contradições, como a dificuldade de expansão dos níveis de expansão produtiva, geração de renda e emprego; ampla desigualdade e concentração da renda; precarização do trabalho; dificuldade dos Estados Nacionais em oferecer políticas públicas voltadas para a população.

Como aponta Milanovic (2020), vivemos a era em que o capitalismo se afirma como único sistema sócio econômico existente no mundo. No Ocidente prevalece o que o autor denomina como capitalismo meritocrático liberal, marcado pelo aprofundamento da desigualdade. Em 2013, o 1% possuidor das maiores riquezas nos EUA detinha metade de todas as ações e fundos mútuos, 55% dos títulos financeiros, 65% dos depósitos financeiros, 63% do valor das empresas do país. Quase toda a riqueza financeira dos EUA está nas mãos dos 10% mais ricos. Essa concentração de renda de renda se propaga no tempo, levando a que em termos geracionais a riqueza seja cada vez mais concentrada. (Milanovic, 2020, pg 40).

Desde o fim do século XX, a fatia da renda do capital na renda total vem aumentando, seja nos países desenvolvidos como em desenvolvimento. Aliado a isso, agora as pessoas ricas aumentam sua riqueza tanto por meio de participação na renda de capital como na renda do trabalho, ou seja, as pessoas no topo da distribuição de renda são gestores bem pagos, web designs, médicos, consultores financeiros, que recebem altos salários, além de possuírem heranças e ativos financeiros. Essa realidade aprofunda de desigualdade de uma forma não vista antes no capitalismo. (Milanovic, 2020).

É a partir de contexto específico que a pandemia do Covid-19 aparece e se entrelaça, definindo-se, ela mesma a partir desse contexto, seguindo uma dinâmica que não segue uma lógica exclusivamente epidemiológica, mas também uma lógica política, social.

A disseminação da doença e o número de mortes estabelecem uma forte relação com a falta de capacidade das sociedades e dos Estados em responder de forma eficaz ao surto, através de medidas de saúde pública como testagem em massa, disponibilidade de serviços de saúde para a população, número de leitos em UTIs e até mesmo instrumentos médicos como respiradores. O imperativo da manutenção das atividades econômicas, mesmo diante da necessidade de realizar o *lockdown* nas grandes cidades, faz com que milhares de trabalhadores sejam expostos ao contágio diariamente. Em países pobres, transportes públicos de massa lotados intensificam a contaminação, assim como habitações precárias inviabilizam a campanha de isolamento social. Em diversos países, a ausência de uma política fiscal mais eficaz para retomar o crescimento econômico e garantir renda para a população afetada tendem a exacerbar os efeitos da crise em termos de emprego e renda.

Todos esses exemplos demonstram o fato de que a dinâmica da crise sanitária que estamos vivenciando é um reflexo não só do movimento próprio de disseminação da doença, mas também do fato de que a pandemia aparece em um determinado contexto histórico e social, que já trazia em si diversas contradições que caracterizam um modelo social que não consegue (já não conseguia)

garantir condições de vida satisfatórias para a maior parte das pessoas. A pandemia veio evidenciar todas estas contradições. Como aponta Mascaro (2020):

“Não se pode limitar a pandemia do coronavírus às chaves de explicação biológicas ou da natureza. Trata-se de uma crise eminentemente social e histórica. A reiterada fragilidade da relação humana com a natureza corresponde a uma parcela pequena dos problemas presentes. No fundamental, a dinâmica da crise evidenciada pela pandemia é do modelo de relação social, baseado na apreensão dos meios de produção pelas mãos de alguns e pela exclusão automática da maioria dos seres humanos das condições de sustentar materialmente sua existência, sustento que as classes desprovidas de capital são coagidas a obter mediante estratégias de venda de sua força de trabalho. O modo de produção capitalista é a crise. Os custos humanos da pandemia vislumbram-se extremos. Também isto não se deve a uma pretensa má-sorte da economia contra a natureza, porque aquela não é o ponto fixo e estável em favor do qual se devam moldar o natural e o social.” (Mascaro, 2020, pg. 6 e 7)

3 – Crise ambiental

Como sugerem Foster e Suwandi (2021), a pandemia do COVID-19 acentuou como nunca as vulnerabilidades ecológicas, epidemiológicas e econômicas interligadas impostas pelo capitalismo, “estamos vendo no momento atual o surgimento do capitalismo catastrófico à medida que a crise estrutural do sistema assume dimensões planetárias”.

Segundo os autores, desde o final do século XX, a globalização capitalista tem adotado cada vez mais a forma de cadeias de commodities interligadas e controladas por corporações multinacionais, conectando várias zonas de produção, principalmente no Sul Global, a partir do aprofundamento do consumo, das finanças e da acumulação no Norte Global. Essas cadeias de commodities constituem os principais circuitos materiais do capital globalmente, que por sua vez constituem o fenômeno do imperialismo tardio identificado com a ascensão do capital monopolista-financeiro generalizado.

Nesse sistema, as rendas imperiais exorbitantes do controle da produção global são obtidas não apenas a partir da arbitragem do trabalho global, por meio da qual as corporações multinacionais com sua sede no centro do sistema exploram excessivamente o trabalho industrial na periferia, mas também cada vez mais através da arbitragem da terra global, na qual multinacionais do agronegócio expropriam terras (e mão de obra) baratas no Sul Global para produzir safras de exportação principalmente para venda no Norte Global.

Segundo Foster e Suwandi (2021), o circuito do capital atual manifesta-se sob a forma de vastas cadeias de abastecimento (valores de uso), conectadas a exploração da produção física, e também a cadeias de valor (valor de troca), que exploram valores agregados em cada etapa da produção. Nesse processo existe um aspecto ecológico-material importante dos valores de uso

inscrito na consolidação das cadeias de valor, que reflete, segundo os autores, algo que Marx sempre esteve atento:

“Marx, who never lost sight of the natural- material limits in which the circuit of capital took place, had stressed “the negative, i.e. destructive side” of capitalist valorization with respect to the natural conditions of production and the metabolism of human beings and nature as a whole (CI: 638). He indicated that the “irreparable rift in the interdependent process of social metabolism” (the metabolic rift) that constituted capitalism’s destructive relation to the earth, whereby it “exhausted the soil” and “forced the manuring of English fields with guano,” was equally evident in “periodical epidemics,” resulting from the same organic contradictions of the system (CIII: 949–50; CI: 348–49).” (Foster, Swandi, 2021).

Essa perspectiva teórica, segundo os autores, permite analisar as formas duais e contraditórias das cadeias de commodities, incorporando valores de uso e valores de troca e fornecendo a base para compreender as tendências de crise ecológica, epidemiológica e econômica combinadas do imperialismo tardio. Essa forma de perceber o capitalismo contemporâneo permite analisar como o circuito do capital está vinculado formas de produção alimentares específicas, que por sua vez relacionam-se à etiologias de doenças através da consolidação do agronegócio, e como isso gerou a pandemia COVID-19. Foster e Suwandi apontam que esse processo está relacionado tanto as cadeias globais ligadas ao agronegócio, como também a um processo de exploração das terras em países do Sul global, a partir de empresas multinacionais que exploram ganhos de lucratividade de uso e aluguel da terra, desapropriando milhares de pequenos agricultores e promovendo desmatamento e exploração dos recursos naturais.

Também a partir dessa tradição materialista histórica, mais recentemente alguns autores vem propondo uma abordagem estrutural de análise da forma como o modo de produção capitalista se estabelece através de diversas redes de cadeias globais de produção alimentar, com profundas consequências ambientais e epidemiológicas. A abordagem, conhecida como Structural One Health, entende que a chave é verificar como as pandemias na economia global contemporânea estão conectadas aos circuitos do capital que estão mudando rapidamente as condições ambientais, analisando aspectos como: (1) as cadeias de commodities como impulsionadoras de pandemias; (2) análise dos canais econômicos globais de transmissão; (3) observar as pandemias não como um problema episódico, ou um evento “cisne negro” aleatório, mas que reflete uma crise estrutural geral do capital, (4) insistir na reconstrução radical da sociedade em geral de forma a promover um "metabolismo planetário" sustentável. (Foster e Swandi, 2021).

Especialmente importante na nova epidemiologia histórico-materialista associada ao Structural One Health é o reconhecimento explícito do papel do agronegócio global e a integração disso com pesquisas detalhadas em todos os aspectos da etiologia das doenças, com foco nas novas zoonoses.

Em “*Pandemia e agronegócio*” (2020), Rob Wallace faz uma análise profunda da geografia econômica mundial, mostrando um conjunto de causas para a produção de novos patógenos no coração das operações de pecuária industrial, em sua interface com sistemas ecológicos locais e regionais, que vão da China ao Minnesota, nos Estados Unidos. A produção em larga escala de animais confinados, típica do modelo de agroindústria da era atual, facilita que novas cepas de vírus recém-emergentes decifrem a biologia de animais criados em monocultivos genéticos, levando criações inteiras a morte e, além disso, decifrando caminhos para infecção de humanos, em processos que abrem espaço para as epidemias globais, como a que estamos vivenciando.

Segundo o autor, o agronegócio veio transferindo suas empresas para o Sul global para tirar vantagem do custo baixo do trabalho e dos preços das terras, com as empresas envolvidas em uma sofisticada estratégia corporativa, espalhando linhas de produção por todo o mundo. Nesse movimento o agronegócio é responsável por gerar ambientes apropriados para a produção em escala de novos patógenos e por remover obstáculos imunológicos que poderiam retardar a transmissão de uma nova doença. Esse processo, aliado a destruição ambiental, acaba exercendo pressão sobre população de animais selvagens e facilitando a contaminação da produção agroindustrial com novos vírus. Wallace evidencia em sua análise o papel do agronegócio global e apoia-se em pesquisas detalhadas em todos os aspectos da etiologia das doenças, com foco nas novas zoonoses. Estas doenças, segundo o autor, foram a “precipitação biótica inadvertida dos esforços destinados a direcionar a ontogenia animal e a ecologia para a lucratividade multinacional”, produzindo novos patógenos mortais (Wallace 2016, 53):

“The underlying operative premise is that the cause of COVID-19 and other such pathogens is not found just in the object of any one infectious agent or its clinical course, but also in the field of ecosystemic relations that capital and other structural causes have pinned back to their own advantage. The wide variety of pathogens, representing different taxa, source hosts, modes of transmission, clinical courses, and epidemiological outcomes, have all the earmarks that send us running wild-eyed to our search engines upon each outbreak, and mark different parts and pathways along the same kinds of circuits of land use and value accumulation. (Wallace et al. 2020, 11)”

O modelo de agroindústria descrito por Wallace surge com força em um primeiro momento na indústria norte-americana, na medida em que aquele país se consolidou como a principal economia mundial, expandindo padrões de consumo em grande escala. Mas esse modelo foi replicado em diversas partes do mundo, o que pode ser observado quando se analisa as origens do patógenos que apareceram nos últimos anos. Estados Unidos, México, Oriente Médio, todos esses países incorporaram o modelo de produção animal de larga escala.

A China não ficou de fora desse processo de alargamento das cadeias globais de produção alimentar. Após a liberalização da economia do país, a partir nos anos 80, observou-se um

crescimento substancial das grandes cidades, em um dos maiores fluxos migratórios da história da humanidade, com a população saindo das regiões rurais em direção as cidades, principalmente as costeiras, que cresciam a partir do processo de industrialização, moldado pelos investimentos estatais e pelos investimentos diretos estrangeiros. Nesse movimento, cidades como Guandong, por exemplo, no Sul da China, passaram por um amplo processo de urbanização, seguido por mudanças como transformações da tecnologia agrícola e na estrutura de propriedade das empresas agroindustriais, não mais apenas coletivas e estatais, mas também privadas e estrangeiras. Nesse processo e para atender a forte demanda populacional das grandes cidades, a produção alimentar baseou-se na produção cada vez maior de centenas de milhões de animais (aves, porcos, patos) somados à produção. (Wallace, 2020, apud Sun et. al, 2007, Luo, Ou & Zhou, 2003; Burch, 2005). Segundo Wallace, essa história da formação econômica, política e social chinesa, reproduz o que ocorreu em várias outras localidades do mundo e ajuda a entender como vários subtipos de influenza, por exemplo, fossem registrados como tendo surgido do Sul da China, incluindo em cidades como Guandong. Microbiologistas chineses e de Hong Kong vem estudando as causas para o surgimento dos patógenos nessa região, apontando aspectos como a produção em massa de animais como patos, em inúmeros lagos, facilitando a transmissão fecal oral de vários subtipos de influenza; e a ampla ocupação humana de alta densidade da região que fornece uma interface ideal por meio da qual uma cepa específica para humanos pode emergir. (Wallace, op. cit. p. 48).

Não se trata de acusar a China de ser responsável pelo surgimento de novos patógenos, como querem fazer crer a imprensa ocidental e os Estados Unidos em particular, dentro da guerra de informação travada diante do avanço da pandemia do Covid-19. Isto porque o agronegócio tal como se observa na China é um modelo que surgiu exatamente nos Estados Unidos e pode ser observado em diversos lugares do mundo. Mas ainda assim é preciso ponderar que também na China, a inserção ao capitalismo internacional que ocorre a partir da abertura do país, abre espaço para a adoção de modelos de produção alimentares típicos daqueles observados nas grandes cidades ocidentais, voltados a grande produção de alimentos, com todas as consequências ambientais extremamente nocivas.

3 - Disputas interestatais

Como sugeriu Marx, a tendência de criar o mercado mundial está imediatamente dada no próprio conceito de capital. (Marx, 2011). Assim o processo de acumulação ultrapassa fronteiras, seguindo uma dinâmica inscrita nas lutas de classes também a níveis globais e mediante a ação política de Estados Nacionais que respondem a essa dinâmica, ao mesmo tempo em que a

influenciam. Como aponta Braudel, o capitalismo aparece justamente quando se subvertem as regras da concorrência, mediante a aliança entre Estado e mercado. (Braudel, 2009).

O movimento de criação do mercado mundial está, nesse sentido, interconectado com a formação de uma estrutura de Estados, organizados de forma hierárquica (Arrighi, 2007) e em constante competição (Fiori, 2007). Esse sistema de Estados se desenvolveu historicamente de forma desigual, acentuando as contradições de classe internas e também em termos de disputas interestatais.

Assim, no capitalismo contemporâneo, conecta-se ao ambiente de crise do capital um sistema de Estado fortemente hierarquizado. No topo dessa hierarquia os Estados Unidos assumem ainda hoje uma liderança indiscutível, em termos militares, tecnológicos e econômicos, exercendo o que Panitch e Gindin (2006) denominaram de ‘império informal’.

Apesar de seguirem na liderança da hierarquia de Estados, as transformações do capitalismo contemporâneo acentuaram as contradições dentro da própria sociedade norte-americana. Além disso, nas últimas décadas, outros Estados, como a China, conseguiram expandir sua participação na economia mundial e seu poder bélico, rivalizando com os EUA nas disputas interestatais.

Como afirmam Panitch e Gindin (2018), as corporações norte-americanas permanecem no centro do capitalismo mundial, com altos lucros. Mas recentemente estão disputando internamente a direção da política americana, na medida em que operam com taxas de investimento menores e também menor produtividade. Daí vem a pressão por corte de impostos, desregulamentação e a retórica antiglobalização. Os EUA seguem como país mais rico do mundo, mas as taxas de crescimento são baixas, assim como os salários e qualidade dos empregos. A expansão do crédito e as dívidas sustentam empresas e consumo. A desigualdade é profunda. Essa situação explica a ascensão da direita nos EUA, de Trump, e também as tensões sociais cada vez mais gritantes, como podemos observar nos movimentos ocorridos em 2020, como o *Black Lives Matter*. (Panitch e Gindin, 2018).

Em meio a manutenção da hegemonia norte-americana e suas contradições, nas últimas décadas a China ascendeu, integrando-se ao mercado mundial e, segundo Chesnais, contribuindo para a constituição de um mercado efetivamente mundial. (Chesnais, 2016). Ao longo de cerca de quatro décadas, desde o processo de abertura, a China promoveu um amplo processo de mudança estrutural, modernizando sua indústria, aumentando seu potencial bélico, expandindo padrões de vida e consumo, urbanizando-se e tornando-se o cenário da produção de mercadorias exportadas para o mundo todo.

Em 2020, segundo o Relatório da Missão Conjunta OMS-China sobre Doença de Coronavírus 2019 (COVID-19) “diante de um vírus anteriormente desconhecido, a China lançou talvez o esforço mais ambicioso, ágil e agressivo de contenção de doenças na história” (Ribeiro, 2020). Essa capacidade de atuar de forma eficaz aos desafios impostos pela pandemia está ligada a uma trajetória

que esteve amplamente ligada “à flexibilidade adaptativa diante das recorrentes transformações da conjuntura global – como num constante esforço de “gestão planejada do imprevisível”(Ribeiro e Paraná, 2019), ainda que o país siga convivendo com uma série de contradições, como a desigualdade de renda entre a população e a degradação ambiental e a intensificação do agronegócio como debatido anteriormente.

Nesse contexto, a pandemia do Covid-19 acirrou uma tensão que já vinha se desenhando nos últimos anos entre Estados Unidos e China. Assim que os casos de contaminação por Covid-19 apareceram na China, o governo americano intensificou a guerra de informação, acusando o país de ter criado o vírus, como parte de uma estratégia de afirmação de poder mundial. A China vem respondendo aos ataques, procurando destacar a negligência do governo Trump em lidar com o avanço da doença no país e avançando em uma política de ajuda aos governos de diversos países.

Nesse sentido, a pandemia apenas vem acentuando as tensões anteriores entre os dois países. Desde o governo Obama observa-se uma expansão da força militar americana no Pacífico e a partir de 2018 inicia-se uma guerra comercial entre EUA e China, com os EUA declarando uma série de tarifas às importações chinesas.

Desde os anos 70 os dois países estabelecem uma forte complementaridade comercial, em que as importações chinesas são fundamentais para o mercado americano, ao mesmo tempo em que as exportações americanas para a China de alguns segmentos, como tecnologia, ainda são importantes para o mercado chinês. Corporações transnacionais americanas instalaram-se na China e produzem e exportam para todo o mundo. Mais recentemente, com as contradições da economia americana e a expansão das empresas chinesas em todo o mundo, a rivalidade entre os dois países acirrou-se.

No centro dessa disputa está mais do que uma guerra tarifária. Segundo Woodward (2017, apud Ledwith, 2020) os EUA querem principalmente a abertura dos mercados da China em termos favoráveis ao Ocidente, a privatização de indústrias importantes, a valorização do RMB, a desregulamentação da conta de capital e a interrupção do desenvolvimento da produção em áreas de tecnologia mais avançada que competiriam diretamente com o Ocidente. Nesse último aspecto o furor causado pela entrada da Huawei na rede 5G na América do Norte e na Europa é uma forte expressão dessa disputa. Como sugerem Medeiros e Majerowic (2018) o controle do progresso técnico é essencial no poder nacional o que torna a disputa tecnológica central nas tensões entre EUA e China.

Nesse sentido a estratégia de Trump de enfrentamento da China poderia atrair o apoio de protecionistas da elite financeira dos EUA e também os interesses do capital global transnacional norte-americano. Estará em jogo a capacidade do governo americano em atender aos interesses de uma elite que não vai abrir mão de seu papel no mundo. Resta saber até que ponto essa disputa pode se desdobrar em um conflito real.

3 – Conclusões

A pandemia do Covid-19 que assola o mundo em 2020 vem transformando a vida de milhares de pessoas. Para além da tragédia a qual populações vêm sendo submetidas, principalmente aquelas mais vulneráveis, a pandemia vem alterando hábitos, relações de trabalho e uso das tecnologias. Ainda é cedo para analisar a profundidade das transformações que a pandemia causará.

No entanto já é possível observar que a pandemia não é algo “natural”, se não profundamente inscrita no tempo histórico específico que estamos vivendo. Como apontamos nesse trabalho trata-se antes de tudo de uma crise profunda na forma como nos relacionamos com a natureza. O agronegócio vem moldando transformações abruptas na forma como se produz os alimentos, transferindo empresas para o Sul global em uma sofisticada estratégia corporativa, espalhando linhas de produção por todo o mundo. Nesse movimento o agronegócio é responsável por gerar ambientes apropriados para a produção em escala de novos patógenos.

Em termos sócio econômicos e políticos a crise pandêmica acentua uma série de contradições que já estavam presentes no contexto do capitalismo contemporâneo. Diante de uma crise profunda marcada pela baixa capacidade de expansão da renda e do emprego e pela precarização dos serviços sociais, a pandemia do Covid-19 vem afetando principalmente parcelas mais pobres da população, seja pela contaminação pela doença em si, seja pela piora das condições de vida devido a crise econômica. Nesse sentido a tendência é o aprofundamento da desigualdade de forma ainda mais brutal.

A crise sanitária deve aprofundar a crise econômica, fazendo com que as taxas de crescimento e os níveis de emprego e renda se mantenham baixos por um longo período. A gravidade dessa crise vai depender da resposta dos governos, ao promover ou não políticas fiscais mais amplas, de forma a tentar mitigar os efeitos da queda do crescimento e do emprego. Infelizmente a partir da forma como os Estados atuaram depois da crise de 2008-09, é possível que, uma vez passada a pior fase da crise, a lógica neoliberal volte com toda força, com a ausência de políticas mais estruturais de expansão da capacidade produtiva e geração de renda e contínua precarização dos serviços de saúde pública.

As crises são também formas de expurgar e eliminar, de forma violenta e abrupta, as disfuncionalidades do capital, de forma que a quebra de empresas, o desemprego, funcionam como uma espécie de recomposição das possibilidades de acumulação de capital em novas bases, porém seguindo a mesma lógica.

Quanto mais a crise se aprofunda em termos econômicos e sociais, maiores as tensões internas nos países e maior a tendência a um acirrando das tensões entre os Estados Nacionais.

Como visto anteriormente, nos Estados Unidos já se observa o acirramento de tensões internas, reflexo de contradições da sociedade norte-americana. Externamente acirra-se a postura do governo dos EUA em confrontar a ascensão da China, tendo como centro uma corrida tecnológica que pode ameaçar as bases da hegemonia norte-americana, com consequências difíceis de prever em termos de um potencial conflito bélico.

Bibliografia

Amaral, Marisa S. e Carcanholo, Marcelo D. “O fenômeno econômico das crises capitalistas nas perspectivas marxista e keynesiana: notas para um debate teórico”. Anais do XIV Encontro Nacional de Economia Política (São Paulo, PUC-SP 2009).

Arrighi, Giovanni. “O longo século XX”. Contraponto; Edição: 1ª (2 de maio de 2007)

Braudel, Fernand. “Civilização material, economia e capitalismo, vol. 3: Séculos XV-XVIII : o tempo do mundo”. São Paulo. WMF Martins Fontes; Edição: 2ª, 2009.

Carcanholo, Marcelo Dias. “Causa e formas de manifestação da crise: uma interpretação do debate marxista. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense. 1996.

Chesnais, François. “Finance Capital Today — Corporations and Banks in the Lasting Global Slump”. Brill Academic Pub; Lam edition. 2016.

Choonara, Joseph. “Socialism in a time of pandemics”. International Socialism, Issue 166. Posted on 22nd March 2020. Disponível em: <http://isj.org.uk/socialism-in-a-time-of-pandemics/>

Dardot, Pierre; Laval, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Boitempo Editorial, 2016.

Fiori, José Luis. “O poder global”. São Paulo. Editora Boitempo. 2007.

Foster, John Bellamy and Swandi, Intan. “Covid-19 and Catastrophe Capitalism: Commodity Chains and Ecological-Epidemiological-Economic Crises”. In: “ROUTLEDGE HANDBOOK OF MARXISM AND POST-MARXISM”, Edited by: Alex Callinicos, Stathis Kouvelakis and Lucia Pradella. 2021.

Grespan, Jorge. “O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política.” Segunda edição. São Paulo. Editora Expressão Popular, 2012.

IMF, World Economic Outlook, April 2020: The Great Lockdown. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/04/14/weo-april-2020>

Ledwith, Sean. “‘The U.S. vs China: Asia’s New Cold War?’ by Jude Woodward reviewed by Sean Ledwith”. Monthly Review On Line. Posted Jun 02, 2020. Disponível em: <https://mronline.org/2020/06/02/the-u-s-vs-china-asias-new-cold-war-by-jude-woodward-reviewed-by-sean-ledwith/>

Marx, Karl. “O Capital”. Volume III. Editora Abril. 1981.

Marx, Karl. “Grundrisse”. São Paulo. Boitempo Editorial, 2011.

Mascaro, Alysso Leandro. “Crise e pandemia”. São Paulo. Editora Boitempo. 2020.

Medeiros, Carlos Aguiar de e Majerowicz, Esther. “Chinese industrial policy in the geopolitics of the information age: the case of semiconductors”. Revista de Economia Contemporânea. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol 22, número 1. 2018

Milanovic, Branko. “Capitalismo sem rivais. O futuro do sistema que domina o mundo”. São Paulo. Editora Todavia. 2020.

Miranda, Flávio. “Teoria do valor e mercado mundial em Marx – desenvolvimento desigual e dominação internacional”. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. Número 47, Maio de 2017.

Panitch, Leo; Gindin, Sam. “Capitalismo global e império norte americano”. In: PANITCH, Leo; LEYS, Colin (ed.). Socialist Register 2004: o novo desafio imperial. Buenos Aires: CLACSO; Londres: Merlin. 2006.

Panitch, Leo; Gindin, Sam. “Trumping the empire”. Em: “A world turned upside down?”. Editado por Panitch, Leo and Albo, Greg. Apple Books. 2018.

Ribeiro, Valéria Lopes e Paraná, Edemilson. “Virtú e fortuna: A trajetória da ação desenvolvimentista chinesa e seus desafios contemporâneos”. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. Número 54 (set 2019 — dez 2019).

Ribeiro, Valéria. “China: as lições da pandemia e o depois”. Site Outras Palavras. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/china-as-licoes-da-pandemia-e-o-depois/>. Março de 2020.

Streeck, Wolfgang. “Tempo Comprado — A crise adiada do capitalismo democrático”. São Paulo. Editora Boitempo, 2018.

Wallace, Rob. “Pandemia e agronegócio: Doenças infecciosas, capitalismo e ciência”. Editora elefante, 2020.

World Meter, 2020. Disponível em: https://www.worldometers.info/coronavirus/?utm_campaign=homeAdUOA?Si